APENAS UMA MULHER QUALQUER

Noemi Nunes

LIVRO UM

Marianne parou com a mão no ar, em frente à porta do apartamento número 1207 do prédio de luxo.

Na última hora perdeu a coragem.

Respirou fundo, precisava ir em frente, havia muita coisa em jogo.

Como fazer? Como agir? Não sabia.

Viviam saberia. Pensou na amiga e vizinha que a tinha colocado nesta encrenca. Ela a encontrou chorando no corredor, não podia mostrar toda a sua dor dentro de casa, seu pai notaria. Levou-a para o seu apartamento e a fez desabafar.

-Não sei mais o que fazer. Preciso levá-lo para os Estados Unidos.

Referia-se a seu pai, doente já há algum tempo. Ele não estava reagindo a nenhum tratamento. Os médicos achavam que ele tinha desistido de viver. Foi quando apareceram notícias de um novo tratamento no exterior. Mas era caro. Caro demais!

-Mas vocês têm uma boa situação financeira. Viviam falou. Além disso, seu avô é americano. Isto não conta?

-Não muito. O fato é que precisamos de muito dinheiro. Estamos gastando demais com a doença de papai. Os remédios são caríssimos.

-Podem vender um imóvel.

-Estou tentando. Já está pela metade do preço de mercado, mas não estamos conseguindo e para completar

o outro apartamento que estava alugado, nos proporcionando mais uma fonte de renda, desocupou.

-E o seu trabalho? Seu chefe?

-Doutor Martins está com dificuldades para tocar a empresa. O que eu ganho como estagiária não dá para nada. Falta ainda pouco mais de um ano para me formar.

-É amiga, você está com problemas!

-E sem solução aparente por sinal. Sinto-me perdida.

-Eu sei como ganhar uma boa quantia. Você sabe o que eu faço para ganhar a vida. Quem sabe você levanta algum dinheiro assim?

-Desculpe Viviam, mas eu não levo jeito. Não saberia como fazer.

Analisou a amiga. Era uma loura muito bonita com lindos olhos verdes e corpo sensual, todas as curvas nos lugares certos. Ela sim, arrebatava corações e tinha grande sucesso como garota de programa.

-Eu te ajudo. Não é difícil, é só deixar acontecer.

-Não tenho a sua beleza. Não ia conseguir, provavelmente provocaria risos.

-Você é linda. Apenas não sabe valorizar os seus pontos fortes.

Avaliou a amiga. Marianne tinha os cabelos castanhos longos e sedosos, mas os usava sempre presos num rabo de cavalo. Seu corpo bem feito, eternamente escondido dentro de jeans e camisetas, parecia de uma adolescente. Seus olhos de um lindo tom de azul se sobressaiam no rosto de nariz pequeno. Seus lábios cheios e convidativos jamais viram sequer um batom. Era do tipo mingnon pequena e delicada. Do tipo que inspirava nos homens desejo de posse e proteção. Viviam

tinha certeza que com alguma produção, Marianne viraria a cabeça de qualquer um.

-Não Viviam, esta hipótese está fora de cogitação.

Seus pais a ensinaram que só o trabalho honesto valia a pena. Andar sempre com a cabeça erguida equivalia a ter moral e caráter. Não que fosse contra a amiga. Cada um faz o que quiser de sua vida! O importante era não se sentir afetado de forma negativa por isso.

Viviam com este trabalho sustentava o pai, eternamente desempregado, a mãe que era hipocondríaca e a irmã adolescente. Eles moravam no interior e dependiam do dinheiro enviado. Não se interessavam em saber da onde vinha, contanto que não faltasse. Além de tudo pagava sua faculdade de fisioterapia. Um dia, formada, largaria desta vida. Prometera a si mesma. Não tinha namorado, pois era difícil tê-lo na sua profissão, mas estava apaixonada por um de seus clientes. Um japonês que quando chegava em viagem de negócios sempre a procurava.

-Marianne, isto não vai te contaminar. Seria apenas por algum tempo até conseguir o dinheiro que necessita.

-Vou pensar sobre isso. Prometeu à amiga só para encerrar o assunto. Em seu íntimo sabia que não poderia ganhar a vida se sujeitando aos caprichos de um desconhecido.

O que Viviam diria se soubesse que ainda era virgem aos vinte e um anos? Provavelmente a acharia uma extraterrestre.

Aos quinze anos Marianne estava começando a pensar na sua primeira experiência sexual, selecionando entre seus inúmeros candidatos o que mais a atraía. Vivia em festas, passeios no shopping, conseguindo tempo para

estudar, pois era muito aplicada e responsável. Praticava esportes, dançava balé, tocava piano. Sua vida era cheia de diversão, alegria e felicidade. Tinha uma legião de garotos apaixonados por ela. Uma linda adolescente, prometendo ser uma mulher muito bela e elegante.

Sua mãe adoeceu e sua vida mudou. Festas, amigos, ficaram para trás, parecia que pertenciam à outra vida. Marianne só estudava e fazia companhia à mãe.

Não adiantou tantos cuidados. Sua mãe morreu. Seu pai vivia triste de saudades da companheira, ela tinha que esconder sua própria infelicidade para consolá-lo.

Seus pais se amavam muito. Ela costumava sentir-se enciumada do elo que os unia, que a fazia muitas vezes se sentir excluída.

Passava todas as suas horas livres tentando distraí-lo. Lendo livros, tocando piano para ele, mas nunca mais viu um leve traço de sorriso em seu rosto. Não trabalhava mais, viviam de rendas. Um apartamento de cobertura alugado, que agora estava para vender, outro menor, também alugado e uma bela casa onde Marianne tinha passado a infância que gerava um bom aluguel. Foram morar no menor imóvel que tinham.

Se seu pai não tivesse adoecido não passariam apertos. Mas agora estava bastante difícil. O dinheiro para levar o pai para os Estados Unidos precisava chegar o quanto antes.

Faria qualquer coisa para tentar curá-lo. Qualquer coisa não. Não se venderia.

-Algum problema Marianne, está tão quieta.

-Não Doutor Martins. Apenas a preocupação com a doença do meu pai. Desculpe-me.

-Se eu puder ajudar em alguma coisa me avise.

-O senhor já me ajuda muito. Obrigado.

O Doutor Martins era um bom chefe. De meia idade apaixonado por sua esposa, só pensava em se aposentar para ficar mais tempo a seu lado.

Marianne trabalhava meio turno em sua empresa como estagiária do curso de arquitetura. Era muito competente e ele costumava dizer que uma excelente profissional estava prestes a entrar no mercado de trabalho.

Ela esqueceu de si mesma, era apenas estudante, estagiária e filha enfermeira. Tinha a ajuda da empregada durante o dia, mas à noite começava o seu turno. Quando seu pai dormia, estudava, chorava sua solidão e saudades da mãe. Sonhava com a cura do pai e o recomeço da sua vida.

O dia tinha começado mal. Seu pai estava com febre. Marianne ajudou a cuidar dele e perdeu a primeira aula.

Na hora do almoço encontrou-o pior e chamou o Doutor Ventura.

-Está dentro do quadro. Continue com a medicação de sempre. Você sabe que estamos fazendo o possível. Não há mais nada que possamos fazer.

-E o tratamento novo na América?

-Não existe nenhuma garantia de êxito, mas devemos tentar todas as possibilidades. Quando acha que podemos tratar da viagem?

-Estou tentando conseguir o dinheiro o mais rápido possível.

Ligou para o corretor.

-Sinto muito Marianne, o mercado de imóveis está ruim no momento. Talvez se baixarmos mais o preço e facilitarmos o pagamento.

-Nós já estamos no limite, Antônio, você sabe o quanto.

-Eu sei, mas você tem pressa. Pense no assunto e me liga.

-Está bem, vou falar com papai.

Ele parecia tão frágil, tinha emagrecido muito, olhar opaco e sem vida, mãos trêmulas com veias azuis salientes. Nunca pensou que veria seu pai assim. Seu coração se apertou de angústia.

No dia seguinte encontra a amiga carregando muitas sacolas de compras, oferece-se para ajudá-la, enquanto dirigem-se ao seu apartamento vão conversando.

-Marianne na semana que vem eu vou embora para o Japão com o meu amor. Viviam estava feliz.

-Que notícia ótima. Você merece.

-Ele vai me apresentar a sua família, se eles gostarem de mim, nos casaremos.

-Tenho certeza de que os conquistará facilmente.

-E você, conseguiu resolver o seu problema financeiro?

-Nada ainda, já estou ficando desesperada.

-Eu também, preciso de uma virgem com idade entre 21 a 23 anos e tem que ser bonita.

-Não entendi.

-Os amigos de um ricaço querem lhe dar de presente de aniversário, uma noite com uma virgem.

-Que presente maluco!

-Ao ser questionado sobre o presente desejado, o cara saiu com esta.

-Deve ser bem difícil, de encontrar.

-Eu apresentei uma garota para a dona da agência de acompanhantes que jurou que preenchia todos os

requisitos. Agora que está chegando o dia ela me veio com a história de que não é virgem, mas o cara nem vai notar.

-Quem sabe não nota mesmo.

-Acorda Marianne, um cara experiente vai descobrir na hora. Isto não é uma coisa que se possa esconder.

-Viviam você já está indo embora, deixe o problema para outra pessoa resolver.

-Não posso deixar madame Ângela na mão, ela foi muito legal comigo. É o prestígio da agência que está em jogo.

-Quando é o encontro?

-Daqui a três dias. A metade da grana já foi paga. É um comércio Marianne, você paga por um produto e quer que ele esteja de acordo com suas expectativas.

Era horrível imaginar como um comércio este tipo de relacionamento. Compra, venda e produto. Parecia tudo tão...faltavam as palavras para definir.

-Só por curiosidade, quanto vale este negócio? Perguntou.

-Vinte e cinco mil dólares, mais a comissão da agência.

-Não sabia que a virgindade era tão valorizada. Puxa! É uma grande quantia.

-Está difícil encontrar alguém que se encaixe no perfil.

-Porque tem que ter vinte e um anos?

-Se for uma garota muito jovem pode abrir um processo. O que seria um escândalo.

-E se tiver mais que vinte e três anos?

-Convenhamos se tiver mais, pode ser uma solteirona, beata ou candidata a freira em potencial. Encontrar uma

mulher bonita e atraente nesta situação é como achar agulha num palheiro.

-Realmente, você tem razão. Não queria estar na tua pele. Acho que não vai conseguir ninguém.

-Nem me fale. Tente me ajudar. Pense em alguma solução. Lembre de alguém, por favor.

-Já sei!

-O que? Fale logo.

-Uma garota que tenha vivido até agora com um cinto de castidade, por causa de um pai severo. Começou a rir.

-Deixe de brincadeiras, embora não acredite, o caso é sério. Viviam também riu.

Riram tanto que chegaram às lágrimas, pareciam duas loucas rindo assim com as pessoas olhando.

À noite, Marianne não conseguia estudar, lembrando do episódio. Era divertido rir novamente com tanta vontade.

Era muito dinheiro. Resolveria seus problemas, poderia arcar com as despesas da viagem e fazer o depósito na clínica, enquanto isso esperaria o restante da soma necessária com a venda do imóvel e com mais tranquilidade completaria o pagamento.

Deus! Que idéia estapafúrdia era essa que passou por sua cabeça.

Isto não! Jamais! Nunca se venderia.

Mas ela preenchia todos os requisitos. Era virgem. Tirou a roupa e se olhou no espelho com atenção. Era bonita. E estava extremamente necessitada de dinheiro.

Não! Não faria isso. Morreria de vergonha e perderia o respeito próprio.

Acordou sobressaltada com o barulho no quarto do pai. Ele estava caído no chão, tinha tentado levantar da cama, não conseguindo seu intento.

-Papai. Chamou.

Ele não atendeu seu chamado, Marianne temeu o pior. Mas não. Escutou sua voz e seus olhos se abriram.

Ajudou-o a voltar para a cama. Era uma tarefa fácil, pois seu pai estava muito leve.

Permaneceu um longo tempo olhando para ele e alisando sua face pálida. Naquele momento tomou a mais difícil decisão de sua vida.

-Você conseguiu uma garota que preenche os requisitos para fazer o programa? Você salvou a minha vida. Quem é? Colega sua? Viviam ficou feliz.

-Sou eu.

-Você? Não acredito!

-Acha que eu sirvo?

-Você é...?

-Isto eu sou. Tenho 21 anos. Resta saber se sou bonita o suficiente.

-Claro que você é bonita. Marianne eu nunca imaginei. Porque até agora nunca transou?

-Falta de tempo para relacionamentos afetivos. Problemas familiares. Mas eu garanto que está tudo certo comigo, sou perfeitamente normal.

-Você precisa apenas de uma roupa legal. Ficará linda!

-Por favor, nada muito extravagante. Marianne pediu.

-Algo sexy, sem ser vulgar. Pode deixar comigo. Saberei o que fazer. Obrigado Marianne.

-Não quero que o meu nome apareça. Vou fazer isto nesta noite e depois tentar esquecer.

-Não se preocupe, eu estou cuidando de tudo, ninguém vai saber que as garotas foram trocadas e você vai usar o nome da outra.

-Qual nome? Perguntou.

-Por coincidência é Ana. Parece um diminutivo do seu.

-Tudo bem. Então é amanhã. Estarei preparada. Vou começar a dar os primeiros passos para a transferência de papai para os Estados Unidos.

-O dinheiro já estará na sua conta na Segunda-feira. Vai dar tudo certo! Eu fico bem com madame e você vai conseguir o dinheiro mais rápido para tratar do seu pai.

Agora ela estava ali. A hora tinha chegado afinal. Vestido preto, simples e elegante de um tecido macio. Sandálias altas. Cabelos soltos. Quase sem maquiagem, apenas rímel e batom.

E se atrás daquela porta houvesse um homem com estranhas taras? E se fosse maluco?

Na melhor das hipóteses seria um homem de meia idade, calvo, barrigudo e gentil.

Apertou a pequena bolsa com força. Dentro havia um spray de pimenta, que na última hora resolveu levar. Embora Viviam tivesse garantido que a clientela da agência era selecionada, não estava tranquila. Era um mundo que não conhecia. O mundo da prostituição, encontros secretos, sexo pago e carinhos comprados. Não. Decididamente esse mundo lhe era totalmente desconhecido e assustador, mas a sua incursão nele traria para si a solução que tanto procurava em relação a seus problemas financeiros.

Amaldiçoou a sua inexperiência. Não. Era por causa dela que estava ali, prestes a ganhar o dinheiro que tanto

necessitava para tentar o tratamento experimental que poderia salvar o pai. Não podia perder essa chance. Tinha esperança de que juntos venceriam a doença. Ao pensar nele se encheu de coragem e apertou a campainha.

A porta se abriu quase que imediatamente. Marianne com o coração em suspenso fitou o homem parado a sua frente. Havia quase um excesso de iluminação, do corredor e do apartamento. Bem que ele poderia estar na penumbra. Ela pensou. Mas não, ele queria vê-la bem.

Era um homem alto, atlético, irradiava força e vigor. Cabelos castanhos, cortados curtos, lábios sensuais apertados em sinal de tédio ou impaciência, queixo quadrado. Seus olhos castanhos claros com pontos de verde a analisaram friamente. Passaram pelo seu rosto rapidamente e foram descendo pelo colo, seios, cintura, quadris e pernas lentamente, até voltarem novamente para seu rosto corado de vergonha, com um ar de aprovação. Estava avaliando a mercadoria. Marianne pensou. Seu orgulho a fez fitá-lo nos olhos e erguer o queixo, não ia deixá-lo fazer pouco dela. Teria seu corpo, nunca sua alma e seu espírito indomável. Seu gesto o fez levantar as sobrancelhas em sinal de surpresa.

Onde estava o senhor gordo e calvo? Marianne preferia alguém assim. Este homem a sua frente a amedrontava, frio, bonito e tão...viril. Tudo nele demonstrava poder. Era um homem acostumado a mandar e ser obedecido. Ela tinha certeza disto. Instintivamente sentiu medo dele.

-Entre. Meu nome é Alex e o seu?

-Anne. Conseguiu balbuciar.

Entrou devagar, suas pernas estavam pesadas e quase não lhe obedeciam. Notou que ele não chaveou a porta

que ficou apenas com o trinco da maçaneta. Respirou aliviada. Em seus pesadelos imaginava um homem mau fechando a porta com a chave e guardando-a no bolso. Mas não. Se quisesse fugir apenas correria até a porta e a abriria facilmente. Isto também mostrou a autoconfiança dele, sabia que não tentaria fugir. Devia confiar na sua perícia sexual e na ambição da garota que afinal estava sendo regiamente paga por seu trabalho.

Alex, por sua vez, estava impressionado com a beleza da moça. Tinha uma elegância natural. Vestida com simplicidade, conseguiu mesmo assim, um efeito devastador. Pele limpa e fresca, quase sem maquiagem. E o corpo era espetacular, seios altos, cintura fina, quadris arredondados e pernas bem torneadas.

Gostou do jeito como ela devolveu seu olhar. A garota tinha personalidade! Reconhecia isso e gostava. Não queria de jeito nenhum uma virgem assustada na sua cama. Ao dizer o que queria de presente de aniversário aos seus amigos estava gozando com a cara deles. Era um pedido quase impossível. Aquela garota tão linda não poderia jamais ter chegado aos vinte e um anos intacta. Devia ser uma aspirante a atriz, muito bem paga para desempenhar tal papel. Se é que tinha tal idade. Parecia tão jovem. Não. Eles não se arriscariam a metê-lo numa encrenca.

Sorriu para si mesmo. Entraria no jogo e fingiria que acreditava na história da garota inexperiente. A noite prometia!

Marianne olhou em torno. Este era um típico apartamento para encontros amorosos. Um grande divã vermelho chamava a atenção no meio da sala, cortinas pesadas em tons neutros, quadros com cores vibrantes

nas paredes. A porta do quarto estava aberta e nela via-se uma grande cama com muitas almofadas em tecido brilhante, talvez cetim. Desviou os olhos rapidamente, era melhor não olhar naquela direção, para não ficar mais nervosa do que já estava. Havia mais duas portas fechadas, provavelmente cozinha e banheiro.

Quando ele pegou no seu braço ela levou um choque, como se uma corrente elétrica a envolvesse.

-Vamos tomar uma taça de champanhe?

-Sim. Respondeu num murmúrio.

Ele desligou a luz central, deixando a sala na penumbra apenas com a claridade de um abajur. Serviu o champanhe e entregou a ela.

-À nossa noite. Brindou.

-Saúde. Ela respondeu pensando no pai

Ligou o som e uma música suave invadiu o ambiente.

Ela tomou o resto do champanhe quase como se estivesse tomando água, de um gole só, sentiu um grande calor espalhar-se por suas entranhas. Não costumava beber, mas esta era uma boa ocasião para começar.

-Vamos dançar?

-Vamos. Respondeu. Coragem Marianne a hora está chegando. Pensou.

Suas mãos firmes e fortes enlaçaram sua cintura. Ele estava sendo muito carinhoso. Reconhecia. Ela precisava relaxar. Mas como? Se seu coração dava saltos no peito.

Colocou as mãos em seu peito como se fosse empurrá-lo. Ele começou a explorar seu corpo com as mãos passeando por suas costas, ombros e nuca. Mordeu de leve o lóbulo da sua orelha, beijou seu pescoço, rosto e de leve seus lábios. Apertou-a mais fortemente contra si e ela enlaçou seu pescoço. Ainda estava tensa, mas um

langor começava a se espalhar timidamente pelo seu corpo. Seus lábios pousaram nos seus novamente agora com mais firmeza, ela entreabriu os lábios e a língua dele invadiu sua boca, explorando todos os seus recantos secretos. O beijo tornou-se mais ardente enquanto suas mãos moldavam seu corpo ao dele. Quando se deu conta seu vestido estava escorregando para o chão e ele estava sem camisa, com os pêlos do peito másculo roçando seus mamilos e provocando arrepios de prazer. Ele a pegou no colo sem interromper o beijo e a carregou para o quarto.

Marianne sentiu-se perdida. Não se reconhecia, abraçada fortemente ao pescoço de um homem só de calcinhas e totalmente entregue ao desejo de ficar cada vez mais junto dele.

Deitou-a na cama suavemente e enquanto ela procurava recuperar sua sanidade, respirando fundo e tentando se recompor, já estava junto dela novamente, agora totalmente nu. Beijou-a na boca enquanto massageava seus seios. A boca substituiu as mãos começando a beijá-los suavemente e depois os sugou com volúpia. Ela escutou gemidos roucos e se deu conta que saiam de sua garganta. Estava enfeitiçada! Nunca pensou que pudesse agir assim, quase implorando para ser possuída. Rapidamente ele colocou o preservativo, deslizou para o meio de suas pernas enquanto a beijava na boca. Um beijo interminável e devastador.

Quando ele a penetrou com força, todo o seu corpo se retesou. Ele ficou algum tempo imóvel, para que a dor e o desconforto passassem, enquanto isso continuava beijando-a e acariciando-a. Ao senti-la novamente relaxada começou a movimentar-se dentro dela, lentamente a princípio e quando ela desajeitadamente

começou a corresponder, sincronizou seus movimentos com os dela e se perderam num mar de prazer. Ela gritou em êxtase, ele a sentiu contrair seu membro dentro dela. Espero-a curtir o momento e recomeçou com ela um vai e vem cadenciado. O gozo veio farto e gratificante. Há muito tempo não tinha tanto prazer em uma transa. Alex pensou.

Ficaram deitados abraçados, tentando normalizar os batimentos cardíacos.

Não queria deixá-la ir. Levantou-se e foi encher a banheira de hidro massagem. Pegou-a no colo e entrou com ela na enorme banheira. Marianne sentiu o prazer de um banho relaxante com as mãos de um homem alisando seu corpo. Nunca pensou que fosse possível sentir tanta tesão por um desconhecido. Um leve sentimento de repúdio quase a inundou. Mas não esta noite. Algo que a fizesse se sentir tão bem não podia ser errado.

Tirou-a da banheira e secou seu corpo com delicadeza. Pegou-a novamente nos braços e levou-a para o leito. Lá instalados começou a beijar seu corpo, seios, umbigo, coxas, demorando-se no centro de sua feminilidade. Marianne gritou de prazer e ele a penetrou novamente. Desta vez fizeram sexo de forma mais suave e lenta. Mas não menos deliciosa, por um longo tempo. Quedaram-se exaustos, abraçados. Totalmente saciados. Marianne teve um sobressalto. Precisava voltar para casa, para seu pai e sua vida de antes. Tirou o braço que enlaçava a sua cintura com cuidado, pois ele parecia dormir. Saiu da cama sem fazer ruído e vestiu suas roupas. Quando ia pegar sua bolsa para sair furtivamente, deparou-se com Alex totalmente nu na porta do quarto.

Sentiu vergonha do que fizera, agora que já tinha acabado. Não queria enfrentar o seu olhar.

-Quero estar com você sempre que tiver tempo livre. Como posso encontrá-la? Ele perguntou.

-Através da agência. Ela mentiu.

-Espere. Quero te dar um presente.

Pegou sua carteira, tirou várias notas e estendeu a ela dizendo - Você fez por merecer.

Marianne nunca se sentiu tão humilhada em toda a sua vida. Teve que se segurar para resistir ao impulso de dar uma bofetada nele. Controlou-se. Estava cumprido o papel de uma garota de programa que ficaria feliz em ganhar um dinheiro extra. Não ela! Precisava conservar um restinho de orgulho.

-Não, obrigada. Já fui muito bem paga. Adeus.

Saiu de cabeça erguida do apartamento, do prédio e da vida dele para sempre.

Anne a prostituta acabara de morrer. Em seu lugar renasceu Marianne, a estudante e filha amorosa.

Viviam ia para o Japão, ninguém sabia da troca de garotas. Quando Alex requisitasse companhia, mandariam Ana e ele que fosse bem feliz com ela.

Seu pai estava dormindo quando chegou. Naquela noite em especial pediu para a empregada ficar com ele.

Deitou-se, mas não conseguiu dormir. A enormidade do que tinha feito não saia de sua cabeça. E o pior. Tinha gostado, e muito, de estar com Alex. Quando enfim adormeceu, sonhou o tempo inteiro com aquele homem e acordou com o grito da empregada.

Seu pai estava muito mal. Chamou a ambulância para levá-lo ao hospital.

-Doutor Ventura, por favor, salve meu pai! Agarrou-se ao médico.

-Vou fazer o possível Marianne, Mas você sabe o quanto seu pai está sofrendo com a doença. Vou vê-lo e darei notícias.

Depois de um tempo que pareceu interminável, o médico voltou, estava com um ar preocupado.

-Marianne, o estado de saúde do seu pai não é nada confortador, vá vê-lo antes que entre em coma. Infelizmente não lhe resta muito tempo.

Entrou na unidade de tratamento intensivo, seu pai parecia uma sombra do que era, tão branco quanto os lençóis da cama em que estava deitado. Aproximou-se e pegou suas mãos, que estavam muito frias.

-Papai...Papai, fale comigo. Ficou chamando por ele com carinho. Eu te amo, Papai.

Ele entreabriu os olhos com grande esforço e falou algumas palavras inaudíveis.

-O que foi Papai? Perguntou.

-Seja...Feliz... Amo... Você... Suas últimas palavras antes de falecer.

Estava vivendo um pesadelo. Todo o seu esforço fora em vão. O dinheiro tinha chegado tarde demais.

Marianne se entregou ao desespero e levou muito tempo para se recuperar.

Estava totalmente só. O que fazer da sua vida agora?

Quando pensou que tinha chegado ao fundo do poço, descobriu dentro de si uma nova esperança. Era tempo de recomeçar! Deixar as tristezas para trás e tentar ser feliz.

LIVRO DOIS

-Vamos a um barzinho, hoje à noite, Marianne? É o aniversário do Paulo. Marisa, sua colega de trabalho, perguntou.

-Não Posso. Vou para o sítio ver meus tios hoje. Ela respondeu.

-Você nunca sai à noite?

-Raramente. Por enquanto a minha vida se resume em trabalho... trabalho...E mais trabalho.

-Que chatice! Uma garota jovem e bonita como você devia se divertir mais.

-Eu me divirto só que de maneira diferente, trabalhando e passando os fins de semana e as noites em que saio mais cedo, no sítio, junto à natureza. Só fico no apartamento da cidade quando estou muito cansada para dirigir ou tenho trabalho urgente para fazer.

Marianne, realmente, só pensava em se tornar uma profissional de sucesso. Após a morte do pai, precisou tomar decisões importantes em sua vida. Trancou a matrícula na faculdade, com o dinheiro do imóvel que enfim foi vendido, sem a pressa de antes e por um preço justo, comprou um sítio fora da área urbana, mas não longe da cidade e trouxe seus tios que viviam no interior para ocupá-lo com ela. Precisava ter companhia e esses eram os parentes que lhe restaram. Gostava deles, mas não se comunicavam com frequência. Eles viviam um pouco fora da realidade, foram hippies e agora eram